



**Résumé :** *Le français a influencé le portugais dès le Moyen Âge, à travers la lyrique des troubadours. Jusque dans les années cinquante ces influences étaient très importantes, même au Brésil. Les termes d'origine française se comptent par milliers y compris la grammaire. Du fait du prestige de la culture française ces influences existent à tous les niveaux de la culture comme la littérature, la musique, le cinéma, la haute couture, la cuisine etc. L'on peut rencontrer une influence qui va dans le sens contraire au long de la frontière avec la Guyane Française. Ces influences sont plus fortes encore dans le créole des groupes d'Amérindiens brésiliens, tels les Karipuna, les Galibi-Marworno et les Palikur.*

**Mots-clés:** emprunts français, portugais, culture, contact frontalier.

**Resumo :** *O francês tem influenciado o português desde a Idade Média, via literatura trovadoresca. Até a década de 50, essas influências eram muito grandes inclusive no Brasil. Os termos de origem francesa talvez cheguem a mais de um milhar. Inclusive a gramática portuguesa sofreu algum tipo de influxo do francês. Devido ao prestígio da cultura francesa, houve influência também na música, no cinema, na alta costura, na culinária, além da literatura. Onde há influência no sentido contrário é ao longo da fronteira com a Guiana Francesa, em que o português tem reflexos no crioulo local (créole guyanais), mais fortes ainda em suas variedades faladas no interior do Amapá (karipuna, galibi-marworno, palikur).*

**Palavras-chave:** francesismo, português, cultura, contato fronteiro.

**Abstract :** *French has influenced Portuguese since Middle Ages, via troubadour literature. Until the fifties, these influences were very strong even in Brazil. To the point that words of French origin amount to thousands, even in grammar. Due to the prestige of French culture, this influence can be seen at all levels of culture, such as literature, music, cinema, haute couture, cookery etc. Only along the border between Brazil and French Guiana we can find influences from Portuguese into a variety of French, namely, guianais. This happens even with its varieties spoken by Brazilian Amerindian groups (Karipuna, Galibi-Marworno, Palikur).*

**Keywords:** French loan-words, Portuguese, culture, border contact.

A língua portuguesa sempre foi muito influenciada pela francesa, desde seu surgimento na Idade Média. Influências no sentido contrário são raríssimas, ou quase nulas. Parece estranho, portanto, falar-se em contato de línguas se dando entre as duas, sendo que as influências são unidirecionais. Por esse motivo, vou esboçar a tipologia do contato de línguas a fim de podermos entender melhor a questão.

Há contato de línguas quando um povo (ou parte dele), e respectiva língua (PL<sub>1</sub>), se desloca para o território de outro povo, e respectiva língua (PL<sub>2</sub>), ou vice-versa. O terceiro tipo de contato se dá quando PL<sub>1</sub> e PL<sub>2</sub> se encontram em um terceiro território, que não é de nenhum deles. Um quarto tipo se dá quando os deslocamentos são sazonais, ou seja, quando membros de PL<sub>1</sub> vão ao território de PL<sub>2</sub>, ou vice-versa, retornando ao próprio território logo em seguida. Vários fatores interferem nos resultados do contato, como a quantidade de migrantes e a duração do convívio, o prestígio, o poder econômico e político do povo migrante e o do hospedeiro. Como não há espaço suficiente para discutir em pormenores cada um desses tipos de contato, remeto o(a) leitor(a) a Couto (2009). Nesse livro se verá que o assunto se enquadra na ecologia do contato de línguas, assunto que faz parte da jovem disciplina ecolinguística, que é o estudo das relações entre língua e meio ambiente (ou território), assunto detalhadamente discutido em Calvet (1999) e Couto (2007).

Nos meus dois livros se pode ver que, para entender as influências entre o português e o francês, é necessário reconhecermos um quinto tipo de contato, ou seja, o contato à distância, às vezes chamado de ausência de contato, pelo menos nos termos dos quatro tipos recém-vistos. O desenvolvimento dos meios de comunicação fez com que determinadas línguas sofressem influência de outra sem que tenha havido deslocamentos significativos de pessoas numa direção ou na outra. Mesmo que alguns indivíduos efetivamente se desloquem para o outro território, não é a mera presença deles que provoca o influxo de sua língua e cultura na língua e cultura do povo hospedeiro. Em alguns casos, essa influência se daria mesmo sem esses deslocamentos. A *internet* fez com que essa possibilidade se ampliasse ainda mais.

O quinto tipo de influência do francês no português remonta à época de formação do galaico-português. O período da chamada lírica trovadoresca (1189-1418) da literatura portuguesa foi amplamente influenciado pela Provença. Na verdade, no período houve muita influência da *langue d'oïl* e da *langue d'oc*. Isso se deveu à presença em Portugal de membros da dinastia de Borgonha e das ordens de Cluny e de Cister. Dentre os inúmeros termos que entraram na língua nessa época encontram-se *assaz, alegre, deleite, folia, jogral, rouxinol, talan* (donde 'talante'), *freire, trova, trovador, refrão, menestrel* e muitos outros. É provável que os francesismos dessa época sejam superiores a algumas centenas. O fato é que a literatura portuguesa (e a brasileira) sempre esteve sob forte influxo da francesa. Além do trovadorismo, a literatura lusitana teve influências da francesa, diretamente, pelo menos nos períodos do barroco/rococó (1756-1825), do romantismo (vindo da Alemanha e da Inglaterra, mas passando pelo cadinho da francesa) (1825-1865), do realismo (1865-1890) e do simbolismo (1890-1915). Indiretamente, as duas literaturas de língua portuguesa sempre

viram na francesa um modelo a ser imitado, sobretudo devido ao prestígio cultural da França em todos os setores.

Quando passamos ao Brasil, as influências francesas continuam, também em todos os setores da cultura. As contribuições ao Colóquio “Representações Recíprocas nos Discursos Francófonos e Lusófonos”, realizado de 14 a 16 de setembro de 2009 no Rio de Janeiro, mostraram isso. O que é mais, algumas delas entraram em detalhes sobre o tipo de influência que a cultura francesa exerceu sobre a brasileira, bem como sobre as raríssimas exceções de influxo no sentido contrário.

No caso específico da língua, o gramático conservador Eduardo Carlos Pereira chama as influências de qualquer língua estrangeira no português de “barbarismos” e “estrangeirismos”. Ele acrescenta que “mais do que qualquer outra língua, tem o francês concorrido para abastardar ou barbarizar a nossa. As causas desta influência achamo-las não só nas primitivas relações históricas de Portugal com a França, que lhe forneceu a dinastia fundadora de sua nacionalidade no século XII, como também na disseminação entre nós da literatura francesa. Por esta razão bradam constantemente nossos puristas contra o *galicismo ou francesismo*, não só no léxico [...], mas também sintático” (Pereira 1958: 272).

O autor ressalva, porém, que “muitos galicismos já foram definitivamente incorporados na língua por necessidade, ou por uso prolongado e universal, tais como: *audacioso, bom-tom, comportamento, ponto de vista, baixo clero, boas graças, autoridade constituída, ministro do culto, tomar a palavra*”. Pereira continua afirmando que, “outros galicismos, porém, são verdadeiras deturpações da língua, contra os quais devemos estar premunidos”, acrescentando uma lista de 35 galicismos léxicos, entre os quais eu destaco *avançar, coalizão, confinar, constatar, deboche, desolado, governante, interdito, nuança e sucesso* (Pereira 1958: 273).

O também gramático conservador Napoleão Mendes de Almeida (1964) vai pelo mesmo caminho que Pereira, inclusive repetindo seus exemplos e até parafaseando-o na maneira de apresentar a questão. De qualquer modo, Mendes apresenta 54 galicismos léxicos, sendo que a maioria deles não está na lista de Pereira. A seguir, eu dou uma lista dos seus exemplos, mas apenas dos que são amplamente usados no dia a dia do brasileiro. Ei-los, seguidos do que deveria ser o português vernáculo na opinião do autor:

*abordar* = tratar de um assunto, ventilar uma questão  
*chance* = oportunidade  
*comitê* = junta, comissão, delegação, conselho  
*eclosão* = aparecimento, nascimento, nascença, origem  
*elétrôdo* = elétrodo  
*gafe* = rata  
*marcante* = notável, distinto, conhecido, ilustre, eminente  
*numismática* = nomismática  
*renomado* = afamado, famigerado, célebre  
*revanche* = desforra, vingança, vindita, despique

Só seis exemplos são dados pelos dois autores. São eles *afiche*, *grimaça*, *remarcável*, *soirée*, *sortida*, *surmontar*. Nenhum deles, porém, é muito frequente no quotidiano do brasileiro nos dias de hoje.

Contrariamente a Pereira, Almeida volta à questão dos galicismos/francesismos em pelo menos mais umas sete passagens de seu livro de 579 páginas. Aí ele inclui não apenas influências lexicais, mas também algumas de cunho gramatical. Neste último domínio, Almeida afirma que alguns usos da preposição “a” em vez de “em” constitui galicismo. Entre seus exemplos, poderíamos citar os seguintes (à esquerda, o “galicismo”; à direita, a construção “vernácula”):

- |                               |                                 |
|-------------------------------|---------------------------------|
| (1)                           |                                 |
| (a) sopa a tomate             | (a') sopa de tomate             |
| (b) falar ao telefone         | (b') falar no telefone          |
| (c) tocar ao piano            | (c') tocar no piano             |
| (d) equação a duas incógnitas | (d') equação de duas incógnitas |

Ainda no domínio do uso das preposições, Almeida apresenta a questão de sua repetição ou não. De acordo com ele, “deve-se repetir a preposição, quando repetido vem o artigo”, como nos exemplos (2) a (4), em que o segundo caso seria a construção vernácula.

- |  |  |
|--|--|
| (2)  |  |
| (a) opor-se aos projetos e os desígnios de alguém              |  |
| (a') opor-se aos projetos e aos desígnios de alguém            |  |
| (3)  |  |
| (a) Acerca da Companhia de Jesus e a colonização brasileira    |  |
| (a') Acerca da Companhia de Jesus e da colonização brasileira  |  |
| (4)  |  |
| (a) Une patrie dévastée par la faim, la guerre ou la maladie   |  |
| (a') Uma pátria assolada pela fome, pela guerra ou pela doença |  |

Segundo Mendes, há outros tipos de galicismos gramaticais, como as de (5) e (6), uma vez que em português “a forma nominal do verbo deve vir antes do substantivo” (Almeida 1964: 394).

- |  |  |
|--|--|
| (5)  |  |
| (a) a festa acabada, os músicos partiram             |  |
| (a') acabada a festa, os músicos partiram            |  |
| (6)  |  |
| (a) o discurso acabado, ressoou uma salva de palmas  |  |
| (a') acabado o discurso, ressoou uma salva de palmas |  |

Em outro lugar, Almeida apresenta 27 exemplos adicionais de empréstimos gramaticais vindos do francês ou, em sua terminologia, de “galicismos fraseológicos” ou “sintáticos”. Em (7), podemos ver cinco deles.

(7)

- |   |  |
|---|--|
| (a) todos os dois, todas as duas          | (a') ambos, ambas                          |
| (b) proceder de modo a satisfazer a todos | (b') proceder de modo que a todos satisfaz |
| (c) ponto de vista                        | (c') a qualquer luz, modo de ver           |
| (d) ter lugar                             | (d') efetuar-se, realizar-se, acontecer    |
| (e) tomar a palavra                       | (e') usar da palavra, ter a palavra        |

Ainda no que tange aos empréstimos sintáticos, Almeida acha que certos usos do pronome “se” são claros exemplos de “galicismos”. Vejamos dois exemplos.

(8)

- |                        |                          |
|------------------------|--------------------------|
| (a) louva-se os juízes | (a') louvam-se os juízes |
| (b) vende-se casas     | (b') vendem-se casas     |

Na opinião do autor, esse pronome não tinha o caso nominativo em latim, motivo pelo qual não funcionava nessa língua como sujeito. Como o português “vem” do latim, tampouco na língua lusitana se pode usá-lo nessa função, como ocorre nas construções (8a-b). Nos termos de Almeida, “essas construções constituem puros francesismos; nelas o *se* está exercendo a função do *on* francês”, que, “nessa língua exerce função de sujeito: *Toujours on le voit, On aime les fleurs*”. O vernáculo, segundo Almeida, seria o que se vê em (8a'-b'), que seria equivalente a “os juízes são louvados” e “casas são vendidas”, ou seja, a chamada passiva sintética. Na verdade, o livro em questão tem um capítulo inteiro com o título “Função Francesa” desse pronome (p. 206).

Retornando aos empréstimos lexicais tomados do francês, pode até ser que não cheguem a 15% ou 20% do vocabulário português, como foi sugerido durante o Colóquio. Embora eu não tenha encontrado ainda nenhum estudo sistemático das influências lexicais (nem das gramaticais) do francês sobre o português, elas são em número relativamente grande. Eis mais uma lista de “galicismos” encontráveis em Almeida e em Pereira:

*ancestral, apartamento, assassinato, avenida, banal, bicicleta, bobina, boné, cabine, cabotagem, camelô, caminhão, camuflagem, chance, coalizão, conduta, confinar, constatar, crachá, departamento, detalhe, eclosão, elite, embalagem, emoção, evoluir, fetiche, governante, greve, maquete, paletó, restaurante, revanche, revoltante, silhueta, sabotagem, vitrine etc.*

Como se pode ver, são todas palavras correntes no cotidiano do brasileiro e, por sinal, também dos portugueses. Como curiosidade, seria interessante lembrar que nessa lista temos um dos poucos exemplos de palavras que migraram do português para o francês. É o caso de “feitiço”, que foi adotada pelo francês como *fétiche* que, pouco depois, entrou como empréstimo no português, embora com significado diferente do do original, fato não salientado por Almeida (p. 463).

Entre os inúmeros empréstimos franceses no português, gostaria de salientar os terminados em *-agem* e em *-ete*. No primeiro caso, temos, por exemplo, *garagem, coragem, selvagem* etc. O sufixo *-agem* passou a ser tão frequente na

língua que é usado inclusive com radicais que não são de origem francesa, como *bobagem*. Quanto ao segundo, ocorre em palavras como *garçonete*, *chacrete* e outras, além das que têm significado um tanto diferente, como *joanete*, *baguete*, *bastonete*. Estou dando apenas dois exemplos, mas o sufixo é produtivo no português brasileiro. Tanto que a qualquer momento ele pode aparecer em uma palavra nova. Para se ter uma ideia, na minha família já foi dito que minhas filhas eram minhas “hildetes”. Parece que a terminação “-eta” tem algo a ver com “-ete”. Ela ocorre em formas como *joqueta*, *barqueta*, *caderneta*, além de antropônimos *Henriqueta*, *Antonietta* e *Marieta*, entre outros.

Entre as palavras vindas do francês temos algumas que muita gente jamais suspeitaria que são empréstimos. Dois exemplos bastante conhecidos são *desmanchar* e *desdém*. Para muito leigo, a primeira tem a ver com “manchar”, precedida do prefixo “des-”. Na verdade, a palavra vem pronta do francês “*démancher*” que, por seu turno, é evolução do antigo francês “*desmancher*”. Quanto a “*desdém*”, juntamente com o verbo “*desdenhar*”, vem do francês “*dédain*” e “*dédaigner*”, respectivamente.

Quando se fala em empréstimos lexicais do francês no português, não podemos esquecer os antropônimos, de que já vimos alguns exemplos. Também eles são numerosos. Tanto os já adaptados à fonologia do português, como *Janete*, *Luís*, *Carlos*, *Carlota*, *Guilherme* e *Viviane*, quanto os que mantêm a forma francesa, pelo menos graficamente, como é o caso de *Jean*, *Goulart*, *Jacques*, *Pierre*, *Simone*, *Lourdes* etc. Alguns deles vieram do germânico, mas passaram pelo filtro do francês. Por exemplo, “*Ludwig*” dificilmente daria “*Luís*”. No entanto, a partir de “*Louis*” temos uma evolução perfeitamente natural. O mesmo se poderia dizer de “*Wilhelm*”, que teria dado “*Guillaume*”, que teria dado “*Guilherme*”.

Eu disse que empréstimos linguísticos do português no francês são raríssimos. Não obstante isso, gostaria de acrescentar à única exceção mencionada acima, “*fetiche*”, alguns termos da fauna e da flora, geralmente de origem tupi, que fizeram esse percurso. Entre eles temos *toucan*, *cajou*, *manioc*, *tapir*, *jaguar* etc.

Como já foi dito acima, todos os exemplos de influências do francês no português vistos acima se enquadram no quinto tipo de contato entre línguas, vale dizer, o contato à distância, por alguns chamado de ausência de contato, devido ao fato de não pressupor um deslocamento considerável de pessoas. É bem verdade que, sobretudo na fase do lirismo trovadoresco medieval, houve deslocamento de menestrais, jograis (termos que também vieram da França) e outros intelectuais, da atual França para Portugal. No entanto, o mero número deles não era suficiente para levar empréstimos à língua da Lusitânia. A real causa foi, e ainda tem sido, o grande prestígio da cultura francesa em geral. Sobretudo no caso do Brasil, deve-se acrescentar a grande abertura de seu povo aos modismos vindos dos grandes centros culturais e o desejo de imitar esses modismos.

Já foi antecipado acima que as influências do francês no português não se limitam à língua. Pelo menos até o final da década de sessenta e começo da

de setenta, era possível ouvir muita coisa da música popular francesa, e não estou falando de Edith Piaf. Outras áreas em que a cultura francesa era bem conhecida no Brasil eram o cinema, a culinária e, é claro, a alta costura. Em todas essas áreas o português adotou inúmeros termos franceses. No que tange ao cinema, sempre havia a apresentação das *Les Actualités Françaises* antes da exibição do filme propriamente dito. Infelizmente, a massacrante influência norte-americana vem abafando tudo isso. No meu modo de ver, isso é um empobrecimento, uma vez que raramente temos a oportunidade de ver manifestações culturais de outros países, como os do Oriente, além da Itália e da sofisticada cultura francesa.

Quando se fala em contatos entre português e francês, não se pode deixar de mencionar a intensa interação entre o primeiro e variedades do segundo que se dá ao longo da costa noroeste do estado brasileiro do Amapá, ou seja, ao longo do rio Oiapoque. Nessa região, o Brasil faz fronteira com a Guiana Francesa, que tem o francês como língua oficial, mas cuja população fala majoritariamente o crioulo guianense (*guyanais*), ou simplesmente *créole*. Isso se dá de modo mais visível entre a cidade brasileira de Oiapoque e a guianense Saint-Georges de l'Oyapock. Porém, dentro da própria Guiana Francesa há contato entre português e crioulo francês (*créole*) devido à grande imigração de brasileiros, muitos deles vivendo ilegalmente no país. Por esse motivo, há uma presença relativamente forte do português em solo guianense.

Os ameríndios têm trânsito livre nos dois sentidos, de modo que podem entrar na Guiana Francesa ou no Brasil quando bem entenderem. Não há controle na fronteira, que é o rio Oiapoque. Mas, os brasileiros não índios também têm trânsito livre, pelo menos na região. O controle existe mais para quem quer ir até a capital, Caiena. No caso dos franceses, ou da elite local que domina o francês, são raros os que fazem o percurso contrário, ou seja, na direção do Brasil. O fato é que nas duas cidades (Oiapoque e Saint-Georges de l'Oyapock) há uma interinfluência muito grande entre variedades de francês e português, embora com certa predominância do português, sobretudo em Oiapoque mas, e em grau menor, também em Saint-Georges.

Mesmo dentro do Brasil, no norte do Amapá, há comunidades indígenas que falam o crioulo francês, ou patuá (*patois*). A principal delas é a dos karipuna, distribuídos pelas comunidades de Manga, Santa Isabel, Espírito Santo e Açaizal, ao longo do rio Curipi. Incluindo núcleos menores, há um total de aproximadamente 1.726 indivíduos. Em seguida vêm os galibi-marworno, variedade dos galibi (que existem também na Guiana) situados na aldeia Kumarumã, às margens do rio Uaçá. São aproximadamente 1.787 pessoas, embora haja alguns que conheçam pelo menos um pouco da língua galibi original. Por fim, temos alguns grupos palikur, ao longo do rio Urucauá. Eles mantêm pelo menos parte de sua língua original. Mas, como seu território se localiza entre o dos karipuna e o dos galibi-marworno, muitos conhecem o crioulo (patuá). Eles o usam mais como segunda língua, ou como língua franca. Como essas comunidades são ilhas linguísticas no interior do território brasileiro, há muita influência do português no patuá (crioulo francês) de todas elas.

Na cidade de Oiapoque, há representantes de praticamente todos os grupos ameríndios da região, aí incluído o patuá dos três grupos recém-mencionados, de modo que a cidade é um verdadeiro laboratório para o estudo do contato de línguas, inclusive de variedades de francês com variedades de português, além de outras línguas. Do outro lado do rio Oiapoque, temos a cidade de Saint-Georges de l'Oyapock, também multilíngue. Na cidade de Oiapoque, com seus 19.280 habitantes, são falados pelo menos o português, o patuá, o galibi e o palikur. Em Saint-Georges, de 3.600 habitantes, são falados o *créole*, o palikur, o francês, o português e o saramakka/taki-taki. Esta última língua se deve à presença de imigrantes surinameses.

Infelizmente, essas duas situações têm sido pouco estudadas. Menos estudado ainda tem sido o contato de tipo quatro que se dá entre habitantes de Oiapoque e Saint-Georges de l'Oyapock. O trânsito de pessoas nas duas direções certamente tem consequências linguísticas. No entanto, pelo menos até onde pude averiguar, a questão ainda não foi investigada da perspectiva do contato de línguas, a fim de aferir as influências linguísticas nos dois sentidos. Só agora está começando um projeto nesse sentido, envolvendo pessoas do Rio de Janeiro e o linguista francês Louis-Jean Calvet. Aparentemente, nem a língua dos karipuna, dos galibi-marworno e dos palikur, que se localizam no interior do território brasileiro, foi estudada sistematicamente por linguistas brasileiros. O que temos até agora são trabalhos provisórios de missionários. Um deles é Montejo (1988), que é um pequeno dicionário crioulo-português e português-crioulo. O outro é Spires (1984) que, de certa forma, complementa o dicionário, uma vez que é uma tentativa de gramática do patuá, embora feita de modo artesanal, em mimeógrafo. De qualquer forma, vale o esforço das duas, inclusive pelo pioneirismo.

Na verdade, são linguistas estrangeiros que têm estudado essa situação. A começar por Tobler (1983), provavelmente a primeira gramática da língua dos karipuna, escrita em inglês e publicada pelo Summer Institute of Linguistics. Alguns anos depois, saiu o dicionário correspondente, publicado pelo mesmo instituto, ou seja Tobler (1987). As duas obras expurgaram sistematicamente os “empréstimos” portugueses no crioulo, de modo que ambas devem ser olhadas com uma certa reserva no que tange à fidelidade aos dados, embora a intenção dos autores tenha sido “boa”, ou seja, manter a “pureza” original da língua. Para as influências que o patuá sofre do português, no entanto, seu valor é nulo.

Além do trabalho do casal de missionários Tobler, existe ainda pelo menos a investigação feita por Karl-Heinz Röntgen. Em Röntgen (1998), ele apresenta um conspecto da situação da língua dos karipuna, bem como um apanhado da trajetória histórica do grupo. Aliás, ele não aceita em sua plenitude a hipótese de que esse povo teria sido falante de nheengatu e emigrado para a Guiana Francesa durante a Revolução da Cabanagem (1835-1840), tendo retornado mais tarde ao Brasil já falando apenas o crioulo francês. De qualquer forma, esse povo considera o patuá como sendo sua língua étnica, o que não deve ser verdade.



Como se vê, apesar de Brasil e França não compartilharem fronteiras, pelo menos por intermédio do DOM Guiana Francesa as línguas dos dois países se veem em contato diuturnamente. Eu gostaria de dar exemplos das interferências do português que existem no crioulo francês falado pelos índios karipuna que, conforme a aldeia, podem ser bem numerosos. No entanto, como já disse, o assunto ainda não foi estudado por linguistas brasileiros e, talvez, sequer por estrangeiros. Assim sendo, como curiosidade, termino apresentando apenas algumas frases karipunas, com tradução portuguesa.

- (9) so māmā malad tu le ju ‘sua mãe está sempre doente’
- (10) mo hetê xantê ‘eu fiquei cantando’
- (11) pitét mo ke puve ale ‘talvez eu possa ir’
- (12) ādā tut sa li sótxi ‘durante tudo isso ele saiu’
- (13) bwé sa heméd pu thwa ju ‘beber o remédio por três dias’
- (14) mo ka sotxi dimen ‘nós iremos amanhã’
- (15) a mo liv ‘é meu livro’
- (16) mo pa savê kimun li ué ‘eu não sei quem ele viu’
- (17) hakõnte no un istuá ‘conte-nos uma história’

Gostaria de terminar lembrando que, pelo menos aparentemente, o português não exerceu nenhuma influência lexical considerável no francês nem mesmo diante da grande quantidade de imigrantes portugueses que há na França. Continua válida a afirmação feita acima de que as interferências entre as duas línguas são unidirecionais, do francês para o português, exceto no que concerne ao contato entre o português brasileiro e a variedade de francês chamada crioulo guianense (*guyanais*), conhecida no Brasil como patuá (*patois*). Como a língua dos karipuna, a dos galibi-marworno e a dos palikur constituem ilhas linguísticas no interior do território brasileiro (cf. Couto 2009: 165-178), nada mais natural que sofra forte influência do português. Só que, como já observado, essa influência ainda não foi investigada.

## Bibliografia

- Almeida, Napoleão Mendes de. 1964. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 17ª ed.
- Calvet, Louis-Jean. 1999. *Pour une écologie des langues de monde*. Paris: Plon.
- Chaudenson, Robert. 1995. *Les créoles*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Couto, Hildo Honório do. 2007. *Ecolinguística - estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus.
- \_\_\_\_\_. 2009. *Linguística, ecologia e ecolinguística - contato de línguas*. São Paulo: Contexto.
- Moisés, Massaud. 1965. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 3ª ed.
- Montejo, Francisca Picanço. 1988. *Dicionário kheol - português e português-kheol*. Belém (PA): Edições Mensageiro.

Pereira, Eduardo Carlos. 1958. *Gramática expositiva*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 113ª ed.

Röntgen, Karl-Heinz. 1998. L'origine contestée d'une communauté créolophone: les Karipuna au Brésil. *Études créoles* XXI (2).36-64.

Spires, Rebecca. 1984. *Gramática kheuól*. Belém (PA): CIMI.

Teyssier, Paul. 1990. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.

Alfred W. Tobler. 1987. *Dicionário crioulo karipuna - português e português crioulo karipuna*. Brasília: Summer Institute of Linguistics.

Tobler, S. J. 1983. *The grammar of karipuna creole*. Brasília: SIL.